

OS CONCEITOS DE *HABITUS* E CAMPO NA TEORIA DE PIERRE BOURDIEU¹

Karine Fernandes de CARVALHO²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo situar o pensamento de Pierre Bourdieu no movimento de síntese teórica que marcou a Sociologia do século XX. Destacamos os conceitos de *habitus* e campo como chaves explicativas de sua teoria.

Palavras-Chave: *Habitus*; campo; síntese teórica e Bourdieu.

Abstract: The article studies Pierre Bourdieu's thoughts in the movement of theoretical synthesis that characterized the Sociology of the 20th Century. We show the concepts of the *habitus* and fields as a explanative key of his theory.

Key-words: *Habitus*; fields; teoric synthesis and Bourdieu.

Introdução

O nosso objetivo neste texto é fazer uma exposição, ainda que breve, sobre o pensamento de Pierre Bourdieu. Para tanto, situaremos-lo no movimento de síntese teórica que norteou a sociologia do século XX, assim como pretendemos abordar os dois conceitos chave que dão corpo a sua teoria: quais sejam, *habitus* e campo. O texto é composto de quatro itens substanciais: o primeiro é esta introdução na qual situamos o autor no movimento de síntese, aludido acima, mas também tentaremos caracterizar o que se chama de conhecimento praxiológico. O segundo caracterizar-se-á por uma exposição sobre o conceito de *habitus* e o terceiro será dedicado ao conceito de campo. Por fim, faremos

¹ As idéias contidas neste artigo são frutos das reflexões motivadas pelo Prof. José Maurício Domingues no âmbito da disciplina Teoria Sociologia III, realizada no IUPERJ durante o primeiro semestre de 2002. Agradeço os comentários do Prof. Dr. Adalberto Moreira Cardoso e de Nathalie Reis Itaboraí. Todavia, os equívocos aqui cometidos só poderão ser atribuídos à autora.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro – IUPERJ – 22260-100 – Rio de Janeiro – RJ. Bolsista: CAPES.

algumas considerações em que ressaltaremos as possíveis lacunas deixadas pelo nosso autor e também destacaremos o seu papel como intelectual engajado nos temas políticos do nosso tempo.

A sociologia do século XX foi marcada pelo movimento de síntese teórica das diversas abordagens sobre a vida social. Tal movimento que começa na primeira metade do século e tem como representantes autores como Blum, Schutz e Parsons intensifica-se na década de 1970 (DOMINGUES, 2001) a partir de uma nova nuance que privilegia a superação da fragmentação teórica característica da década anterior. Posto isso, nosso propósito nesta introdução é situar o pensamento de Bourdieu nesse movimento de síntese teórica que marcou a sociologia a partir da década de 70 e que se caracterizou pelo desejo de romper com as teorias calcadas nas polarizações³ e fragmentação.

Passaremos agora a uma caracterização do que pensamos ser os aspectos centrais do pensamento de Pierre Bourdieu, que segundo Domingues (2001) deu início a sua carreira intelectual como antropólogo e foi fortemente influenciado pelo estruturalismo de Lévi-Strauss; caminho este que vai abandonando paulatinamente ao direcionar-se no sentido da construção de seu arcabouço conceitual e metodológico próprio. Será com as noções de *habitus*⁴ e campos que ele vai lançar-se numa espécie de pós-estruturalismo. Mesmo assim quando se trata de pensar a estrutura e a ação na obra de Bourdieu, segundo Domingues (2001) percebemos que há uma preponderância da estrutura sobre a ação. No entanto, a ação faz-se importante ao passo que ela informa o comportamento dos atores, pois

... estes [atores] são de algum modo criativos, seja devido a pequenas e incrementais modificações no próprio *habitus*, seja pelo comportamento heterodoxo ao criar ou modificar radicalmente os sistemas sociais que Bourdieu define em termos de campos de poder e capital. (DOMINGUES, 2001, p.60-1)

A teoria de Bourdieu coloca como problemática a mediação entre a sociedade e o agente social. Sendo assim, ele se propõe a romper com a separação entre dois tipos de conhecimento polares e antagônicos: o objetivismo e a fenomenologia. Enquanto o primeiro constrói as relações objetivas que

³ Polarizações do tipo da ação e da estrutura ou dos sistemas

⁴ O conceito de *habitus* é desenvolvido pela primeira vez por Bourdieu & Passeron, 1975.

estruturam as práticas individuais, a fenomenologia parte da experiência primeira do indivíduo.

Para resolver esta questão, Bourdieu propõe um novo tipo de conhecimento que se diferencia dos anteriores e pretende articular dialeticamente o ator social e a estrutura social. A este tipo de abordagem epistemológica, nosso autor vai denominar de conhecimento praxiológico, que teria por objeto o sistema de relações objetivas construídas pelo conhecimento objetivo, assim como as relações dialéticas entre as estruturas objetivas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las.

Trata-se da retomada da controvérsia proposta por Sartre em *Questão do Método* e de reequacionar o problema da “interiorização da exterioridade” e da “exteriorização da interioridade”. Sartre resolve o problema da mediação entre sujeito e mundo objetivo através da noção de projeto que destaca a especificidade de uma ação colocada no tempo futuro. Já Bourdieu vai recuperar a idéia escolástica de *habitus* que enfatiza a dimensão de um aprendizado passado.

No sentido empregado pela escolástica, o hábito era concebido como um *modus operandi*, ou seja, como disposição estável para operar numa determinada direção e, através da repetição, o hábito tornava-se uma segunda dimensão do homem, o que assegurava a realização da ação considerada. Bourdieu reinterpreta a noção de *habitus* no interior do embate entre objetivismo e fenomenologia definindo-o como um “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes” (ORTIZ, 1994, p.15).

O *habitus* é ao mesmo tempo social e individual. Ele refere-se a um grupo ou a uma classe, mas também ao elemento individual; o processo de interiorização implica sempre internalização da objetividade, o que ocorre certamente de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade. E, por isso, o *habitus* foi considerado por Bourdieu o elemento de mediação entre a sociedade e o indivíduo.

Ao criticar o objetivismo e a fenomenologia, Bourdieu propõe uma teoria da prática na qual o agente social é sempre considerado em função das relações objetivas que regem a estruturação da sociedade global. A prática é definida como produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*. A situação particular que enfrenta um ator social específico encontra-se, portanto, objetivamente estruturada; a adequação entre o *habitus* e essa situação permite,

desta maneira, fundar uma teoria da prática que leve em consideração tanto as necessidades dos agentes quanto a objetividade da sociedade.

E é neste momento que entra a noção de campo como o espaço onde as posições dos agentes são *a priori* fixadas e é também o local onde se trava a concorrência entre os atores objetivando a realização de interesses específicos que caracterizam a área em questão. Com isso, quer-se dizer que todo ator age no interior de um campo social determinado e, desta maneira, resolve-se o problema da adequação entre ação subjetiva e objetividade da sociedade.

Depois de feita essa introdução ao pensamento de Bourdieu enfatizando a construção de um conhecimento praxiológico pautado no *habitus* como elemento de mediação entre o mundo objetivo e o indivíduo passamos para a exposição dos conceitos de *habitus* e campo, conceitos estes que são a chave explicativa para a teoria de Bourdieu.

HABITUS: do rompimento com o estruturalismo ao primado da razão prática

O conceito de *habitus*, segundo Bourdieu, exprime sobretudo a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência apoiou-se. Nosso autor está fazendo menção ao dilema epistemológico que polariza de um lado o objetivismo e de outro o subjetivismo. Nas palavras de Bourdieu “tal noção permitia-me romper com o paradigma estruturalista sem cair na velha filosofia do sujeito ou da consciência, a da economia clássica e do seu *homo economicus* que regressa hoje com o nome de individualismo metodológico” (BOURDIEU, 1989, p.61). O uso da noção de *habitus* significa para Bourdieu uma forma de rompimento com o estruturalismo e sua filosofia da ação.

Bourdieu pretendia pôr em evidência as capacidades criadoras, ativas, inventivas do *habitus* e do agente. O *habitus* é um conhecimento adquirido, um capital e indica uma disposição incorporada, quase postural. Em resumo, indica a essa disposição incorporada de um agente em ação: tratava-se de chamar a atenção para o “primado da razão prática” (idealismo de Fichte) ou o “lado ativo” (como Marx, nas *Teses sobre Feuerbach*). A intenção teórica em relação ao uso do conceito de *habitus* “era a de sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construções do objecto” (BOURDIEU, 1989, p.62).

Feita essa justificativa do porquê do uso da noção de *habitus*, passemos a uma caracterização desta noção.

A noção de *habitus* é concebida a partir da idéia de

(...) sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU apud ORTIZ, 1994, p.61)

Partindo da citação acima, temos que o *habitus* é um estado particular da estrutura e deve ser encarado como um sistema de disposições duráveis e transferíveis e, que, ao integrar todas as experiências passadas funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações, ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências de esquemas que permitem resolver problemas da mesma forma e graças a correções incessantes dos resultados obtidos.

O *habitus* é um princípio operador que leva a termo a interação entre dois sistemas de relações, as estruturas objetivas e as práticas. As práticas devem ser entendidas como o produto da relação dialética entre uma situação e um *habitus*. O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas. Além disso, temos que o *habitus* está no princípio de encadeamento das ações, que são objetivamente organizadas como estratégias sem ser de algum modo, o produto de uma verdadeira intenção estratégica.

Com isso, temos que o *habitus* é uma estrutura (estrutura estruturada e estruturante) que se encontra no corpo do indivíduo e não na consciência e que dita as regras práticas para a sua ação, e, além disso, ele reproduz as estruturas sociais. Ou seja, o *habitus* é responsável por manter a memória e é o portador de uma inventividade que se encarrega da criatividade da ação. Desse modo, é encarregado da criatividade e da ação. Pensando hierarquicamente, “o *habitus*, assim, responde pelo pólo da ação, em grande parte pela memória social e, mais modestamente, pela criatividade e pela memória social” (DOMINGUES, 2001, p.59).

Além disso, ele constitui o fundamento mais sólido e melhor dissimulado da integração de grupos ou das classes. Isso leva-nos a pensar que um *habitus* em comum confere às classes o *status* de coletividade.

Diante disso, resta-nos saber quem são os portadores do *habitus*, na medida em que ele é visto nos termos de uma competência adquirida junto a um grupo ou classe homogêneos e, portanto, capazes de atualiza-lo e expressa-lo através de suas práticas. Os portadores do *habitus* são os indivíduos sociais que constituem grupos ou classes em virtude de uma posição presente e passada na estrutura social. Esses indivíduos agem dentro da estrutura social de acordo com o que lhes foi ensinado no interior da família e posteriormente aprimorado pelos *habitus* aprendidos na escola, já que Bourdieu considera a socialização como um processo que se desenvolve ao longo de uma série de produções de *habitus* distintos. E assim, a ação pedagógica na primeira fase de formação do agente é vista como produtora de um hábito primário, característica de um grupo ou de uma classe que está no princípio da constituição de outro hábito. Temos com isso, que o *habitus* adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares.

CAMPO: o espaço social das relações objetivas

Antes de desenvolvermos nossas considerações sobre a noção de campo, é interessante observarmos que ela deriva de inspiração direta da obra de Max Weber, em especial no que diz respeito à “sua tese sobre a diferenciação das esferas sociais e de especialistas com o advento da modernidade, o que seria um dos elementos do processo de racionalização que se apresentava como crucial para o desenvolvimento do Ocidente” (DOMINGUES, 2001, p.59-60).

A noção de campo é conceituada por Bourdieu como sistemas sociais em que cada agente tem uma posição fixada *a priori*. Além disso, o campo é definido como o *locus* da disputa entre os atores em torno de interesses específicos que caracterizam o campo em questão.⁵ Em poucas palavras, o *locus* pode ser definido como o espaço social de relações objetivas (BOURDIEU, 1989).

⁵ Como exemplo temos que no campo da ciência a disputa ocorre em torno da autoridade científica; no campo artístico, isso ocorre em torno da legitimidade dos produtos artísticos, e assim por diante, posto que cada campo organiza-se em torno de uma área de disputa.

Bourdieu nos revela que para construir a noção de campo teve que transcender a análise do campo intelectual como universo relativamente autônomo de relações específicas, isso implica dizer que as relações visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual tinham obscurecido as relações objetivas entre as posições ocupadas por esses agentes que determinam a forma de tais interações. Com isso, a primeira elaboração consistente da noção de campo teve origem na leitura dos escritos de Max Weber dedicados à sociologia da religião. Ao criticar a visão interacionista das relações entre os agentes religiosos proposta por Weber, Bourdieu propõe uma construção do campo religioso como uma estrutura de relações objetivas que aquele autor descrevia em forma de uma tipologia realista. Nas palavras de Bourdieu:

Nada mais restava fazer do que pôr a funcionar o instrumento de pensamento assim elaborado para descobrir, aplicando a domínios diferentes, não só as propriedades específicas de cada campo – alta costura, literatura, filosofia, política, etc. – mas também às invariantes reveladas pela comparação dos diferentes universos tratados como ‘casos particulares do possível’. (1989, p.66)

O que faz com que uma mesma definição de campo seja aplicada para todos os campos da vida social é que há homologias estruturais e funcionais entre todos esses campos, ao invés de funcionarem como simples metáforas orientadas por intenções retóricas de persuasão. Essas homologias que há entre os diversos campos se manifestam em termos de poder, composição e volume do capital, que pode ser passado de um *locus* para outro.

Desse modo, para pensar a homologia entre os diversos campos especializados da vida social moderna marcada pela diferenciação é preciso lançar mão da sociologia relacional, definida por Bourdieu, segundo Domingues (2001). Na verdade, os campos são os espaços nos quais se definem as relações de poder (relação que se dá entre posições de poder no campo e não entre os atores) e mais ainda, os próprios campos são definidos e assentam-se em relações de poder.

Quando definimos a sociologia de Bourdieu como relacional é necessário explicitar o papel que a noção de campo desempenha em tal sociologia. Antes de tudo, o campo é um artifício metodológico que permite a apreensão das diversas faces do social. Por isso, precisamos pensar relacionalmente, ou seja, entender a relação de um campo com os outros. De acordo com Bourdieu:

A noção de campo é, em certo sentido, uma estenografia conceptual de um modo de construção do objeto que vai comandar – ou orientar – todas as opções práticas da pesquisa. Ela funciona como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades. Por meio dela, torna-se presente o primeiro preceito do método, que impõe que se lute por todos os meios contra a inclinação primária para pensar o mundo social de maneira realista (...): é preciso pensar relacionalmente. (1989, p.27)

Posto nestes termos é necessário explicitar como são criados os campos e como são estabelecidas as relações em seu interior. A criação dos campos é efetivada por indivíduos⁶ portadores de uma perspectiva heterodoxa do mundo e que são capazes de estabelecer novos conteúdos e novas relações de poder entre os atores. A partir disso surgem os variados campos que compõem o social: o econômico, político, literário, científico, jurídico, etc.. A particularidade do campo deve-se ao fato de que ele é um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social, que determina a posição que um agente específico ocupa no seu interior. Esse *quantum* é determinado por Bourdieu como capital social.⁷

O campo é constituído por estruturas; e são essas estruturas que reproduzem as hierarquias que definem um determinado campo. Portanto, este é o princípio do movimento perpétuo que anima esse campo e que reside na luta produzida pelas estruturas constitutivas do mesmo.

A estrutura do campo se monta em torno de dois pólos, o dos dominantes e o dos dominados. O pólo dominante é ocupado por aqueles agentes que possuem o máximo de capital social, já os agentes que se situam no pólo dominado são definidos pela ausência ou pela raridade do capital social específico que determina o espaço em questão. Diante disso, temos que o que define o campo como o espaço social das relações objetivas é que cada agente orienta as suas estratégias em função da posição que eles detêm no interior do campo, a ação se realizando sempre no sentido da maximização dos lucros. A tendência do agente é investir em determinado tipo de capital, procurando sempre uma maneira de acumula-lo o mais rapidamente possível. Tal investimento

⁶ Um exemplo disso é o líder carismático de Max Weber que é considerado a força revolucionária criadora da história.

⁷ O termo capital está fazendo analogia com o capital de Marx, contudo há que fazer a diferença entre os dois. Enquanto Marx define o capital como o conjunto das relações sociais, portanto algo abstrato, Bourdieu pensa o capital social como algo concreto e que define as relações de poder.

⁸ Mais uma vez estamos diante da influência da sociologia da religião de Max Weber sobre o pensamento de Bourdieu.

depende evidentemente de sua posição atual e potencial no interior do campo. Em suma, não há uma neutralidade das ações, pois toda realização pressupõe necessariamente uma série de interesses em jogo.

O par, dominados e dominantes, que divide o campo social (e suas variantes) implica distinção entre ortodoxia e heterodoxia⁸. Ao pólo dominante correspondem as práticas de uma ortodoxia que pretende conservar intacto o capital social acumulado e, ao pólo dominado, as práticas heterodoxas que tendem a desacreditar os detentores reais de um capital legítimo. Os agentes que se situam junto à ortodoxia devem, para conservar sua posição, secretar uma série de instituições e de mecanismos que assegurem seu estatuto de dominação.

Os que fazem parte do pólo dominado procuram manifestar seu inconformismo através de estratégias de subversão, o que implica um confronto permanente com a ortodoxia. No entanto, a contestação é puramente simbólica, já que para Bourdieu ela situa-se ao nível dos rituais e não apresentam perigo aos poderes que estruturam o campo. Na verdade, ortodoxia e heterodoxia, embora sejam antagônicas, fazem parte dos mesmos pressupostos que comandam o funcionamento do campo. Contudo, a convivência entre os dominantes e os dominados determina o consenso a respeito da situação, ou seja, o que merece ou não ser levado em consideração. É esse consenso que encobre muitas vezes o fato de ser o mundo social um espaço de conflitos, tornando assim a dominação suave.

E por fim, resta-nos ainda acrescentar que as noções de consenso, ortodoxia, heterodoxia, estratégias de conservação e subversão acentuam o aspecto de reprodução do campo social, e, que através das relações de poder no interior do campo reproduzem-se outras relações que lhe são externas, o que permite apreender as relações que se estabelecem entre um campo específico e a estratificação da sociedade em classes ou em frações de classe.

Considerações Finais

O presente artigo teve como proposta fazer uma exposição da obra de Pierre Bourdieu, tentando identifica-la no movimento teórico de síntese que dominou a Sociologia das últimas décadas do século XX. Todavia, concentramo-nos na exposição dos conceitos de *habitus* e campo por serem a porta de entrada para uma síntese do pensamento de Bourdieu.

O primeiro é definido por ele como uma estrutura estruturante que se herda no interior da família e dependem do lugar que o indivíduo ocupa na estrutura social. Já a noção de campo é definida como o espaço de manifestação das relações de poder entre dominantes e dominados. Enquanto o *habitus* tem como portadores os indivíduos sociais que constituem grupos ou classes em virtude da posição que ocupa na estrutura social, o campo surge como criação de indivíduos particularmente importantes que estabelecem novos conteúdos e novas relações de poder entre os atores. Contudo, de acordo com Domingues (2001, p.67):

Vale observar que a obra de Bourdieu tem grandes dificuldades para lidar com a história, sendo que o próprio surgimento dos ‘campos’ e dos ‘habitus’ respectivos que os estruturam e são por eles estruturados não recebem tratamento condizente com sua relevância teórica. No máximo, temos descrições empíricas e formulações que incorporam da sociologia da religião weberiana a idéia de ‘heterodoxias’ que fundam ou transformam esferas diferenciadas de poder e simbólicas, e ainda uma absorção, em parte mais uma vez via Weber, da idéia de ‘diferenciação social’ crescente.

Importa ainda ressaltar que apesar de *habitus* e campo figurarem na teoria de Bourdieu como unidade de análise, não nos ficou claro como essas duas categorias articulam-se. De acordo com Domingues (2001), essas categorias não são analíticas, mas sim categorias concretas e descritivas, mostrando dessa forma certa limitação teórica na obra de Bourdieu.

Apesar dessas lacunas que foram indicadas, o mérito de Bourdieu está em envolver-se com a tarefa de sintetizar um grande número de correntes do pensamento sociológico e não apenas isso, mas de ultrapassar os reducionismos e unilateralidades características dessas correntes.

Isto posto, resta-nos ainda ressaltar que nosso autor não separa a discussão teórica da prática empírica da pesquisa, sem deixar de lado o tratamento de temas atuais e políticos do mundo extra-academia, o que o torna um dos mais importantes pensadores desse final de século. Nos anos 90, Pierre Bourdieu destacou-se por sua militância política, conclamando os intelectuais ao engajamento e criticando outros intelectuais como tecnocratas. Nesse período ele discute a questão de gênero (*A condição Masculina*) e a relação entre o intelectual e a mídia (*A Televisão*), publica a *Miséria do Mundo*, livro no qual os dominados ganham voz.

A partir de então Bourdieu construiu uma imagem de intelectual engajado, que participou ativamente dos debates contra a globalização e o neoliberalismo, fez duras críticas à política estadunidense, critica também o conceito de pós-modernidade e o xenofobismo, escreve e faz palestras para sindicalistas, grevistas, movimentos sociais, desempregados, imigrantes, clandestinos, enfim, para todos aqueles que sofrem com a atual miséria do mundo. E assim, preocupando-se com os excluídos, termina a brilhante carreira de um dos mais importantes pensadores do mundo contemporâneo, o sócio-pólogo, criador de conceitos e o militante político, engajado na construção de um mundo mais justo.

Referências

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. São Paulo, Bertrand do Brasil, 1989.

DOMINGUES, J. M. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

ORTIZ, R. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994.